

Sarney

-3 JUN 1987

ESTADO DE SÃO PAULO

## DE BRASILIA



### Agricultura não justifica a ferrovia

Jorge Rosa

Comos se não bastasse ouvir o presidente Sarney todas as sextas-feiras no programa "Conversa ao Pé do Rádio", também tentaram fazer-nos ouvir e vê-lo na televisão todas as segundas-feiras, sem contar as aparições repentinas, que têm sido muito freqüentes. Nós, humildes contribuintes a saciar a crescente voracidade do "leão", pensávamos livres destas coisas com o advento da Nova República. Mas o presidente Sarney, dado a imitar os maus hábitos do ex-presidente João Figueiredo, revive "O povo e o presidente", no qual Figueiredo aparecia ao

lado Ney Gonçalves Dias, que cedeu seu lugar ao deputado Hélio Costa (PMDB-MG), ex-repórter da TV Globo.

Alguma coisa vai mal no País quando o presidente da República precisa usar de sua imagem pessoal para conseguir atingir a opinião pública. Onde estão os comunicadores sociais contratados pelo governo? Está provado que não basta manipular verbas de publicidade para se conseguir opiniões favoráveis e que enalteçam as qualidades do governo. Um amigo, que tem o péssimo hábito de conviver na intimidade do poder, explica-me que Sarney se cansou dos erros dos seus especialistas e decidiu assumir a condição de "garoto propaganda" do seu próprio governo. Circunstancialmente, o plano foi adiado, mas...

Que alguma coisa vai mal no País, disto ninguém tem dúvida. A inflação continua a estourar todas as previsões e a bater todos os recordes; o déficit público está sem controle e nem o próprio governo sabe o tamanho do buraco; volta a ameaça da falta de carne; as reservas cambiais continuam caindo e os credores demonstram que não estão lá muito preocupados com a nossa "quixotesca" moratória e estão pagando para ver como sairemos desta enrascada; os agricultores estão endividados até a alma e a produção de alimentos pode voltar a cair no próximo ano; as pequenas e médias empresas estão quebrando e engordando os índices de concordata e falência; a recessão já dá sinais evidentes de sua presença e temer o desemprego não é ver fantasmas ao meio-dia, como o presidente Sarney definiu aqueles que temem um golpe militar.

Depois do famoso discurso do "Fico", quando a nação viu surpresa, em cadeia nacio-

nal de Rádio e TV, o presidente Sarney fixar em cinco anos o seu mandato, tudo que acontecer daqui para a frente já não haverá de assustar os incautos telespectadores. Tudo caminha para a concretização da vontade do presidente Sarney e os que defendem o mandato de quatro anos, como o deputado Mário Covas (PMDB/SP), cada vez mais isolado nas esquerdas do PMDB, começam a falar sozinhos.

Com esta perspectiva o presidente Sarney está mais tranqüilo e tenta assumir de fato a Presidência da República. Desistiu até da reforma ministerial, para evitar maiores debates políticos. Descobriu que não é fácil encontrar um ministro. Todo mundo tem suas preferências e a escolha acaba não agradando a ninguém. Com isto, alguns que já estavam com suas gavetas arrumadas se colocaram a salvo, a exemplo do ministro da Indústria e do Comércio, Hugo Castello Branco.

O ministro da Agricultura, Íris Rezende, que apareceu em muitas listas de "demissíveis", já pode agora cuidar da agricultura. Mas isso tem tempo, no momento está empenhado em defender a construção da Ferrovia Norte-Sul, inclusive participando de atos públicos. A dúvida é se sua participação é como goiano, já que a ferrovia cortará todo o Estado de Goiás no sentido vertical, ou em gratidão a sua permanência no Ministério. Aliás, há muito este repórter dizia que dificilmente Íris Rezende seria atingido pela reforma. O máximo que pode vir a acontecer é trocar de Ministério, caso Sarney precise lançar mão de um auxiliar confiável. A esta altura Íris não tem outra alternativa a não ser a de fazer todas as vontades do presidente, retornar a Goiás e dizer adeus à vida pública.

O presidente Sarney está convicto da importância da ferrovia e nada vai demovê-lo. Portanto, por que não se valer do apoio de fiéis auxiliares? Alguns ministros, conscientes dos malefícios que a obra trará para a economia nacional, já tentaram convencer o presidente da inoportunidade da ferrovia, mas logo desistiram para não entrar no rol dos infieis.

Os argumentos para justificar a obra, entre os quais a perspectiva de um aumento na oferta de alimentos com a exploração agrícola da região servida pela ferrovia, são completamente falsos. A região há muito conta com uma rodovia asfaltada (Belém—Brasília) e para se aproveitar seu potencial agrícola bastaria um programa de melhoria das estradas vicinais, paralelamente a estímulos e novos investimentos agrícolas. Seria repetir o mesmo esquema do Polocentro, com o qual o ex-presidente Ernesto Geisel conseguiu impulsionar a ocupação dos cerrados na região Centro-Oeste, que agora está a exigir uma ferrovia para escoamento da produção agrícola, via Porto de Tubarão no litoral do Espírito Santo.

O presidente Sarney está a reviver apenas a época do milagre. Entretanto o momento não é de construir uma ferrovia que vai custar US\$ 2,8 bilhões, quando estes recursos poderiam ser aplicados na agricultura em armazenagem, irrigação, pesquisa, assistência técnica e no controle das doenças e pragas que dizimam as lavouras e os rebanhos.

O autor é jornalista, especializado em assuntos agrícolas e chefe da sucursal de O Estado em Brasília.